



ANTES DE PARTIR

Livros de Charlie Donlea

A Garota do Lago

Deixada para trás

Não confie em ninguém

Uma mulher na escuridão

Nunca saia sozinho

Procure nas cinzas

Antes de partir

CHARLIE DONLEA

**ANTES
DE
PARTIR**

Tradução: Carlos Szlak



COPYRIGHT © 2022 BY BRIAN CHARLES
FIRST PUBLISHED BY KENSINGTON PUBLISHING CORP.
TRANSLATION RIGHTS ARRANGED BY SANDRA BRUNA AGENCIA
LITERARIA, SL
ALL RIGHTS RESERVED
BRIAN CHARLES É O PSEUDÔNIMO DE CHARLIE DONLEA
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**
Preparação **ARIADNE MARTINS**
Revisão **BÁRBARA PARENTE**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa **MAGDALENA RUSSOCKA | TREVILLION IMAGES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Donlea, Charlie

Antes de partir / Charlie Donlea ; tradução de Carlos Szlak. — São Paulo : Faro Editorial, 2023.
224 p.

ISBN 978-65-5957-264-9
Título original: Before I Go

1. Ficção norte-americana I. Título II. Szlak, Carlos

22-7080

CDD-813

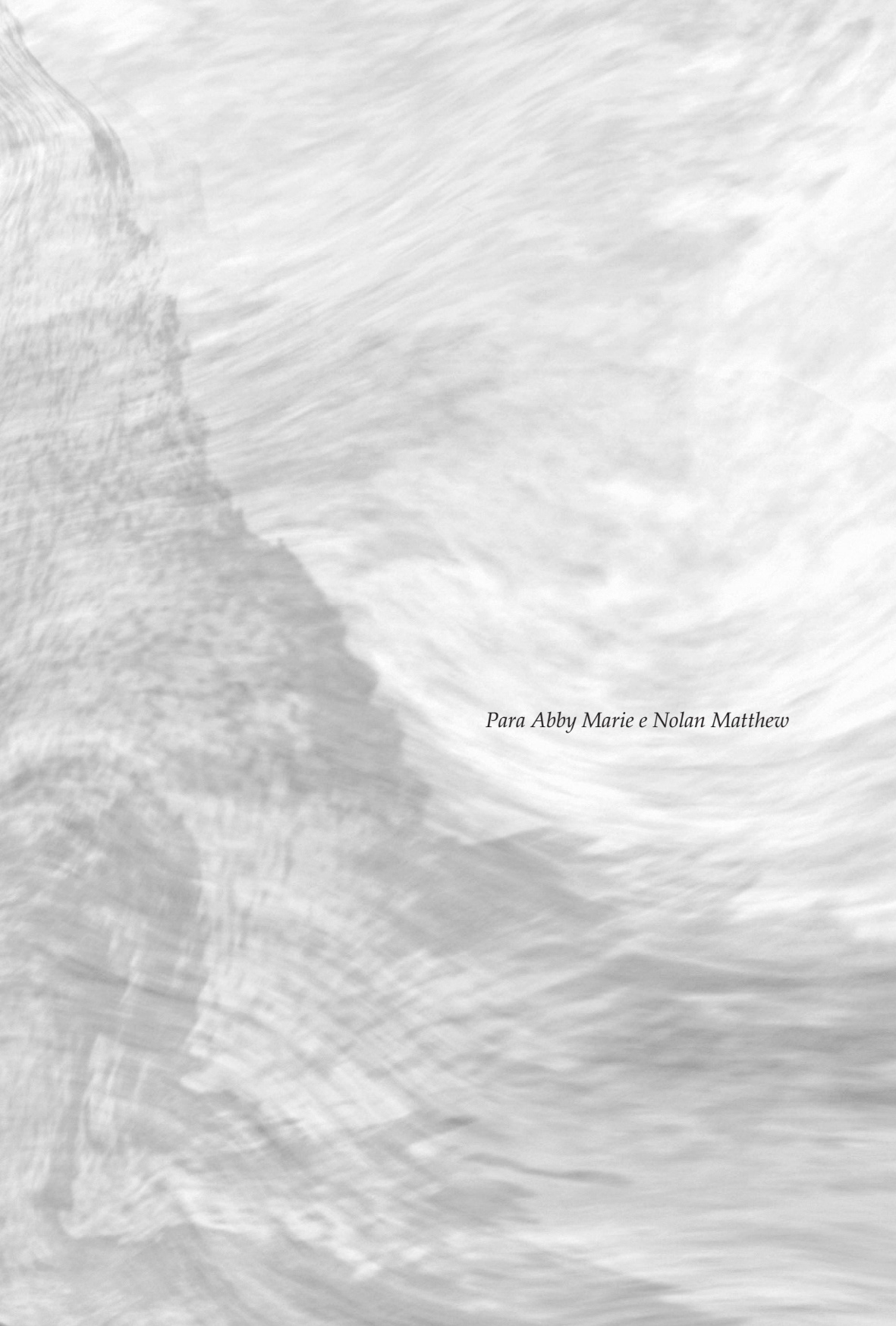
Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

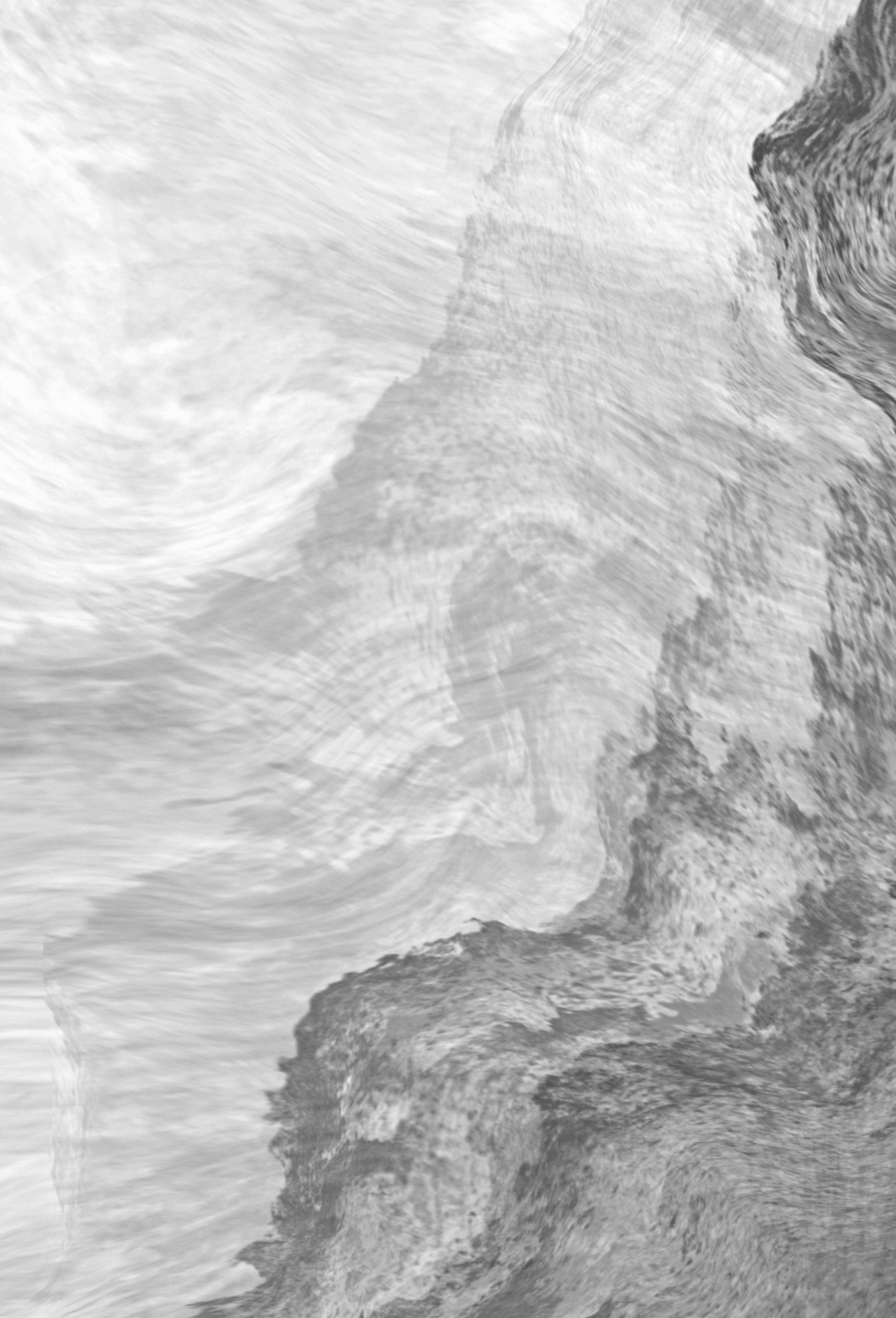


1ª edição brasileira: 2023
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

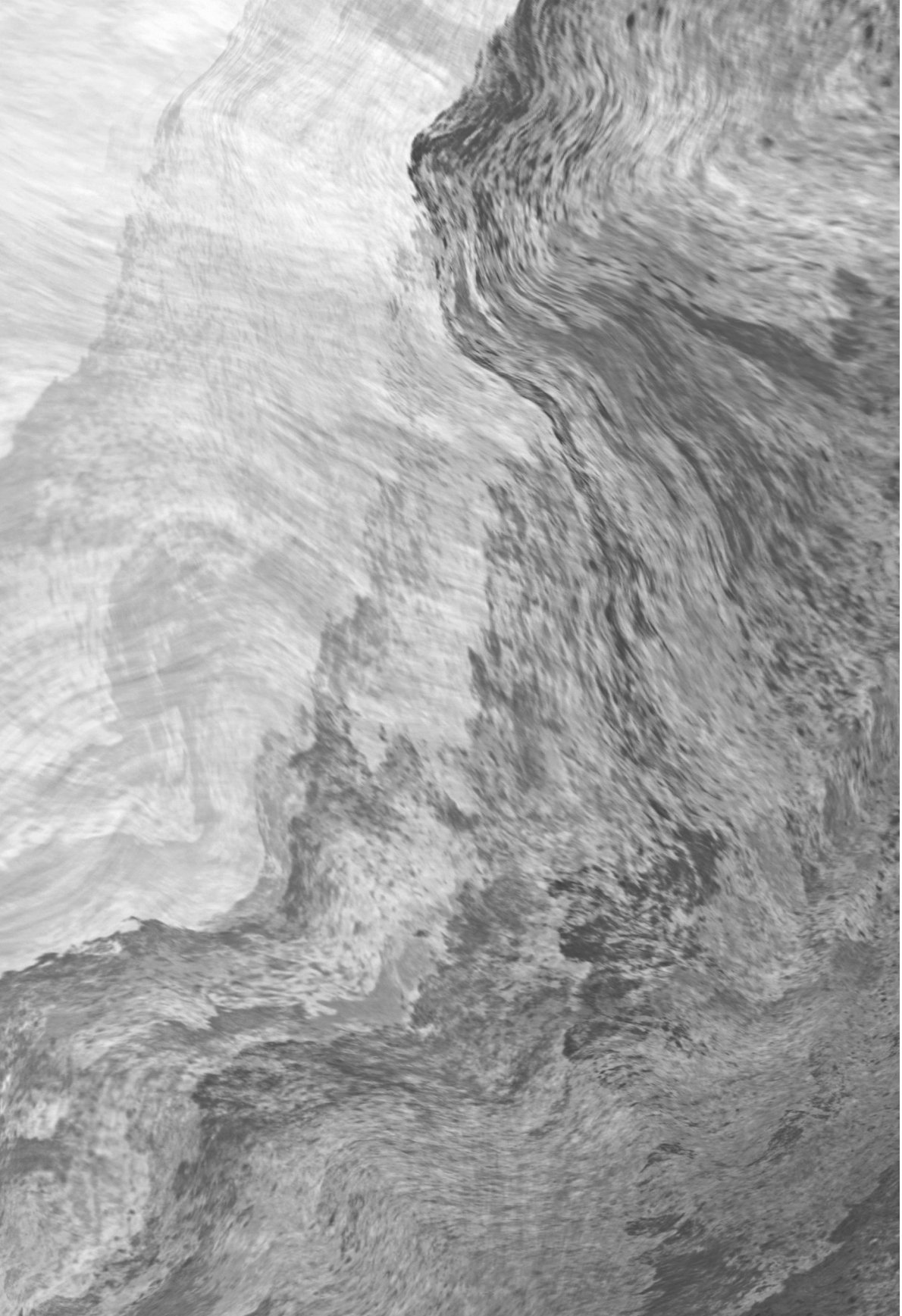


Para Abby Marie e Nolan Matthew





PARTE I
FICANDO SOZINHA





PRIMAVERA

1. Aterrissagem

Segunda-feira, 16 de maio

22h22

MORRER SUBITAMENTE É MAIS FÁCIL.

Uma parada cardíaca ou um acidente de carro não dá chance para pensar muito no que está por vir. Nem deixa tempo para refletir a respeito da vida: os entes queridos deixados para trás e os sonhos não realizados. Porém, quando um avião começa a cair, planando lentamente em direção ao mar gelado e escuro, não há nenhuma sutileza quanto ao fim. A morte está chegando. É inexorável. E, no caso de Ben Gamble, o lento avanço rumo ao fim, o lapso de tempo entre saber que o voo teria um desfecho trágico e o choque contra a água, gerou aflição e dúvida. Minutos intermináveis de pânico e ansiedade, e também de arrependimento.

Com a turbulência sacudindo a cabine, Ben sentiu a carta tremer em suas mãos. Tentou voltar a lê-la, mas uma queda brusca de altitude fez os seus olhos se fecharem. Ele fora um covarde por esconder o segredo da sua mulher. Naquele instante em que a possibilidade de contar para ela havia passado, torturava-o imaginar que ela descobrisse por meio de alguma outra pessoa. Ben abriu os olhos e olhou pela janela do avião para a escuridão da noite. Imaginou o que o seu segredo causaria nela. Queria uma chance para explicar. Queria uma última oportunidade para falar com a sua mulher. Desviando o olhar da janela, voltou a ler a última frase da carta.

Você tem que contar para a sua mulher, Ben. Ela merece saber a verdade. Dou só mais uma semana para você fazer isso. Caso contrário, eu mesma contarei para ela.

Ben dobrou a carta e a enfiou no bolso. Voltou a olhar pela janela e para a escuridão. Porém algo logo se formou em sua visão. Demorou um instante para ele se dar conta do que estava vendo: era o reflexo da lua cintilando na superfície da água, que foi se aproximando cada vez mais. Então, pouco depois, o mar abraçou o avião. O impacto foi brutal. Gritos irromperam pela cabine. Preso pelo cinto de segurança, Ben foi jogado para a frente. Ele bateu o nariz no encosto de cabeça à sua frente, sentiu o

sangue cobrir o lábio superior e escorrer pelo queixo. A visão ficou desfocada devido à vibração do assento. Porém, após o choque inicial, o avião deslizou pela superfície da água por vários segundos, como se fosse uma lancha em alta velocidade.

Passado tempo suficiente, Ben acreditou que o piloto, por milagre, havia conseguido realizar um pouso de emergência. Contudo, quando a asa direita tocou na água, o avião deu uma cambalhota espetacular. As bagagens, comidas, latas de refrigerante e os passageiros voaram pelo interior da cabine como pipoca estourando. Ben foi arremessado para o lado e bateu a cabeça na janela. O impacto começou a criar uma teia de aranha no acrílico: um círculo central com fissuras se irradiando de forma serpenteante. Ben contemplou muitas imagens no meio daquela janela despedaçada. Todas as pessoas da sua vida espiavam por aquele buraco para ele. Ele viu a sua mãe e o seu pai. Os seus irmãos. Viu amigos, colegas e os sócios da sua empresa. Finalmente, quando os gritos cessaram e os motores lamurientos silenciaram, quando o metal guinchante terminou de se rasgar em pedaços e a água gelada do oceano Pacífico entrou em contato com a sua pele, Ben viu a sua mulher. O belo rosto e o sorriso radiante dela o fizeram querer enfiar o dedo por aquele buraco no acrílico, depois a mão e todo o corpo, saindo da tumba que afundava para abraçá-la e protegê-la do seu segredo.

No momento em que a água gelada roçou o seu rosto, Ben entrou em ação. Ele pegou a fivela do cinto de segurança e a soltou.

2. O telefonema

Terça-feira, 17 de maio

4h00

EM MEIO A UM SONHO, AS PÁLPEBRAS DE ABBY GAMBLE tremeram e os seus lábios deixaram escapar um gemido. Ela e Ben estavam saindo de férias e, como de costume, estavam atrasados. Abby corria atrás do marido pelo estacionamento do aeroporto, puxando a mala de rodinhas, que tombava enquanto ela tentava acompanhá-lo. Cada vez que Abby

conseguia endireitá-la, Ben estava mais à frente. Quando ela chegou à escada rolante, ele já estava no alto dela e se dirigindo para o vagão. Abby subiu a escada de dois em dois degraus, com a mala batendo contra eles. Ao alcançar a plataforma, ela viu Ben gesticulando para ela, indicando que ela deveria se apressar antes do fechamento das portas do vagão. Abby tentou correr, mas a sua mala ficou presa no topo da escada rolante, como se fosse o cadarço desamarrado que sua mãe sempre tinha alertado que seria engolido pelos degraus que subiam e desciam continuamente.

— Eu preciso de você — ela ouviu o marido dizer.

Abby ergueu os olhos. As portas do vagão estavam se fechando.

— Eu preciso de você comigo! — Ben voltou a dizer, no momento em que as portas se fecharam.

Abby desistiu da mala, deixando-a no degrau, e correu em direção ao vagão que estava começando a se mover. Lentamente no início, quase a convidando a saltar e pegar uma carona até o terminal do aeroporto, depois ganhando velocidade e passando como um borrão por ela até ficar fora de vista. Em seguida, ao se virar na direção da escada rolante, Abby viu os degraus, que continuavam subindo e descendo, engolirem a sua mala.

Abby abriu os olhos e se sentou na cama. Por um instante, apalpou o lençol à procura de Ben antes de se lembrar da viagem dele. Sentiu a adrenalina se apoderar dela. Olhou para o despertador. Passava pouco das quatro da manhã. Abby se levantou da cama e foi até a cozinha pegar um copo de água, recordando-se da sua corrida letárgica pelo estacionamento do aeroporto durante o sonho. Ao menos uma vez ela gostaria de ser uma velocista em seus sonhos, livre da sensação de chumbo nas pernas que sempre sentiu e capaz de sair em disparada de um lugar para outro. Abby tomou um gole de água e prestou atenção na tranquilidade da casa: o tique-taque do relógio do corredor e o zumbido do ar-condicionado.

Eu preciso de você comigo!

Abby voltou a consultar a hora e sabia que Ben não se importaria se ela o acordasse. Ele nunca se incomodava com chamadas tarde da noite quando estava viajando a negócios. Então, ela ligou, mas caiu direto na caixa postal. Ou o telefone dele estava desligado ou a bateria tinha acabado. Ambas as hipóteses eram improváveis. Incomodada, folheou a pasta na cozinha até encontrar o plano de viagem de Ben. Abby examinou as informações e encontrou os dados do hotel do marido. Porém, de repente, ocorreu-lhe que o voo de Ben ainda nem tinha pousado. Ela fechou a pasta

e respirou fundo. Não era à toa que a sua ligação tinha caído direto na caixa postal. O avião de Ben estava a dez mil metros de altura sobre o oceano Pacífico.

Abby estava começando a relaxar quando o seu telefone tocou. Quebrando o silêncio da casa, o repentino toque a assustou. Novamente, ela dirigiu o olhar para o relógio do micro-ondas.

Eu preciso de você comigo.

Lentamente, ela pegou o telefone. Viu na tela que a chamada era da Transcontinental Airlines. Ela deixou tocar mais um pouco antes de atender.

— Ben?

— Alô? Sra. Gamble?

— Sim?

— Aqui é David Peirce, da Transcontinental Airlines. Receio que houve um acidente.

3. As famílias

Terça-feira, 17 de maio

6h57

POUCO ANTES DAS SETE DA MANHÃ, O SAGUÃO DA SEDE DA Transcontinental Airlines em Chicago estava perfeitamente limpo, silencioso e agourento. Um representante da companhia aérea se aproximou de Abby e pegou a mão dela como se fosse um parente querido num funeral.

— Sra. Gamble, por aqui — o rapaz indicou.

— Já localizaram o avião? — Abby perguntou durante o trajeto até os elevadores.

— A situação ainda não foi esclarecida. Depois de subirmos, a senhora receberá novas informações.

No trigésimo andar, o rapaz conduziu Abby até uma sala de reuniões com paredes de vidro. Ali, alguns outros familiares bastante aflitos já estavam à espera. Todos se entreolhavam, querendo, mas não ousando, perguntar se aquilo estava realmente acontecendo.

Denotando preocupação, os funcionários da companhia aérea serviam café e rosquinhas. No decorrer de dez minutos, trinta e poucas pessoas lotaram a sala. Finalmente, um homem de aparência distinta, vestido impecavelmente de terno e gravata, passou pela porta e ocupou o seu lugar na frente do recinto. Não era difícil de perceber que aquele homem estava no comando. Todos os olhares se voltaram imediatamente na direção dele. Todos esperavam por boas notícias. Por más notícias. Por qualquer notícia.

— Bom dia — o homem disse. — Sou Paul Bradford. Ocupo a vice-presidência executiva da TransCon aqui no Meio-Oeste. Quero começar expressando o meu pesar por esse infortúnio. Os nossos pensamentos e as nossas orações estão com os seus entes queridos. Sem delongas, vou direto aos detalhes.

Bradford clicou um controle remoto, que ligou um projetor instalado no teto. Uma imagem de satélite da América do Norte surgiu na tela atrás dele. Uma linha vermelha arqueada exibia a rota de voo do Aeroporto Internacional O'Hare para o Aeroporto Internacional de Los Angeles.

— O voo 1641 da TransCon decolou de Chicago pontualmente e pousou em Los Angeles às sete da noite de ontem. O avião foi reabastecido e uma inspeção de rotina liberou o voo até Sydney, na Austrália.

Bradford clicou o controle remoto e um mapa-múndi apareceu na tela. Outra linha vermelha surgiu, dessa vez com origem em Los Angeles e se movendo da mesma forma arqueada em direção à Austrália. Porém, no meio do caminho, sobre o oceano Pacífico, a linha sofreu uma interrupção.

— Depois de cinco horas e vinte minutos de voo, o voo 1641 da TransCon sofreu uma explosão no compartimento de carga dianteiro.

Gemidos tomaram conta da sala. Em seguida, lamentos. Paul Bradford prosseguiu após uma breve pausa.

— Então, os motores sugaram fragmentos da fuselagem e foram perdidos.

Os familiares deixaram escapar novos gemidos e lamentos.

— Como assim, os motores foram perdidos? — alguém perguntou.

— Os motores foram atingidos pelos fragmentos da explosão e sofreram uma pane — Bradford explicou.

— Mas não existe alguma fonte de energia de segurança? — o mesmo homem perguntou.

— Sim, existe. A APU. A unidade auxiliar de energia. Porém, segundo os dados coletados por nossos engenheiros e analistas, suspeitamos que a APU não funcionou.

— Os seus *analistas*? — o homem perguntou com raiva. — Esqueça os analistas. O que os pilotos disseram?

Bradford respirou fundo.

— Os pilotos conseguiram confirmar que os motores foram perdidos. Mas pouco depois desse contato, a aeronave teve uma pane elétrica total e perdemos toda a comunicação. Por isso suspeitamos que a APU também sofreu avarias. Uma APU em funcionamento teria nos permitido continuar recebendo e transmitindo mensagens.

— Então, o que aconteceu com o avião? — uma mulher no fundo da sala perguntou.

— A explosão aconteceu a cerca de dez mil metros de altitude. Sem comunicação, podemos apenas especular acerca do procedimento dos pilotos. O protocolo-padrão diante da pane dos motores e da APU consiste em recorrer à RAT. Ou seja, a turbina eólica de emergência. A RAT gera energia a partir da velocidade do avião em relação ao ar e é capaz de fornecer recursos hidráulicos que permitem aos pilotos manobrar e planar a aeronave. Acreditamos que, por meio do uso da turbina eólica, os pilotos tentaram um pouso de emergência na água.

Outro coro de gemidos veio dos familiares. Abby colocou a mão sobre a boca, lembrando-se do seu sonho de apenas algumas horas antes, correndo atrás de Ben, tentando acompanhá-lo. As portas do vagão se fechando e as palavras dele pairando no ar da plataforma vazia.

Eu preciso de você comigo.

— A agência reguladora do setor aéreo está investigando a situação desde o início dessa crise.

Bradford voltou-se para a tela do projetor e circundou uma área no Pacífico Sul com o seu ponteiro laser.

— Com base na localização do avião durante a nossa última comunicação com os pilotos, inferimos a área onde eles podem ter feito o pouso forçado... — ele disse e pigarreou. — Onde os pilotos provavelmente tentaram o pouso de emergência.

Bradford voltou a clicar o controle remoto e diversas linhas apareceram ligando a Costa Oeste dos Estados Unidos à Austrália.

— Essas linhas representam rotas de navegação e estão repletas de navios cargueiros vinte e quatro horas por dia. A agência reguladora já alertou os comandantes dos navios na área em que acreditamos que o pouso possa ter acontecido. Esses navios são basicamente os primeiros a responder, e estamos esperando ouvir boas notícias de um deles. Também estamos em contato com a Marinha dos Estados Unidos, e algumas das suas embarcações estão a caminho da área nesse momento.

— A pane dos motores aconteceu cinco horas após a decolagem de Los Angeles — outro familiar disse. — Isso foi à meia-noite. Agora são sete da manhã. Por que ainda não encontraram o avião? Ou botes salvavidas? Ou alguma coisa?

Bradford voltou a pigarrear e prosseguiu:

— No momento, o Pacífico ainda está sob a escuridão da noite. Mas esperamos alguma novidade ao amanhecer.

O silêncio tomou conta da sala. Todos olhavam fixamente para Paul Bradford, implorando sem palavras por informações que ele não tinha. Ansiavam pela confirmação de que os seus entes queridos estavam seguros. Abby se pôs de pé junto à mesa de reuniões e se apoiou com uma mão no tampo de mogno antes de começar a sair lentamente da sala, com um tremor perceptível no andar. O vice-presidente de terno engomado da Transcontinental Airlines não deu informações adicionais acerca da localização do avião. Ele não tinha. Todos na sala sabiam por que o avião não fora encontrado. Era um pedaço gigante de metal que se chocou contra o mar e afundou como uma bigorna.

4. Um relógio e uma carteira

Sexta-feira, 27 de maio

10h15

A CAMPAINHA TOCOU E ABBY PENSOU EM IGNORÁ-LA. ERA O décimo dia desde que o avião de Ben tinha desaparecido, e ainda não havia vestígios dele. O noticiário da tevê a cabo fazia uma cobertura jornalística ininterrupta a respeito do avião da Transcontinental e dos 247 passageiros

a bordo. Abby desligou a tevê depois do quarto dia e não voltou a ligá-la desde então. A campainha tocou novamente. Ela se levantou da cadeira da cozinha e caminhou até o hall de entrada. Quando Abby abriu a porta, um homem de terno apertado e camisa branca ofuscante estava em sua varanda. Ela gostaria que um representante da companhia aérea aparecesse de jeans desbotado e camiseta para dar más notícias. O fato de ele usar um terno só piorava a situação.

— Sra. Gamble? — o homem perguntou.

Abby concordou.

— Meu nome é James Darrow. Sou da Transcontinental Airlines.

— Entre.

Junto com a sua expressão sombria, James portava uma pasta de couro. Abby o levou para a cozinha. Ali, ambos se sentaram à mesa, um de frente para o outro.

— Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado, senhora.

— O que há de novo? — Abby perguntou, apontando para a pasta.

James Darrow apalpou a pasta de couro e demorou um instante antes de responder. *Para organizar os pensamentos*, Abby pensou.

— Uma pequena área de destroços foi localizada. Confirmamos que pertencem ao voo 1641.

Abby se endireitou na cadeira. Aquela era uma notícia *de verdade*, e não o lixo supérfluo que a Transcontinental fornecera para ela nos últimos dias.

James colocou a pasta sobre a mesa e a abriu. Ele tirou uma folha de papel quadriculado de dentro, desdobrou-a e a deslizou para o meio da mesa para que ambos pudessem ver.

— Esse é o mapa da área de busca — James disse.

Abby já tinha visto aquele mapa antes, quase todos os dias na última semana e meia, e ainda assim a vastidão do oceano a deixou sem fôlego. No mapa, um círculo vermelho representava a suposta área onde o voo 1641 havia afundado. Esse círculo estava situado dentro de uma elipse maior, marcada em amarelo, que representava um diâmetro expandido da área de busca. E, finalmente, um retângulo verde contornava tudo, indicando a área que os especialistas achavam que representava a distância mais longa que o avião percorreu depois da pane dos motores. As coordenadas de latitude e longitude marcavam cada local.

— Aqui — James afirmou, apontando para o mapa, e tocou um dedo na borda do retângulo verde externo. — Foram localizados um par de assentos da cabine e também certa quantidade de bagagens.

— Estavam flutuando? — Abby perguntou, ansiosa.

— Sim, senhora.

— Por que tão longe do círculo vermelho?

— Bem, não temos certeza, mas temos algumas hipóteses — James respondeu. — A explosão aconteceu no compartimento de carga dianteiro. Então, acreditamos que o conteúdo desse compartimento se espalhou por uma área do mar bem distante de onde a aeronave realmente pousou. Com base na descoberta dessa área de destroços, os nossos engenheiros e analistas estão repensando a trajetória do voo e desenvolvendo novos modelos que redefinirão a área de busca.

Abby esperou. Ela percebeu que havia algo mais.

— Sei que a senhora já ouviu antes a respeito dos cálculos, mas a área de busca é enorme. A pane dos motores aconteceu a dez mil metros de altitude. Se a aeronave voou apenas por meio da turbina eólica, o que acreditamos que foi o caso, então a perda de altitude foi de cerca de 650 metros por minuto. Isso significa que a aeronave planou durante quinze minutos, aproximadamente, e percorreu uma distância de mais 160 quilômetros antes do pouso forçado. Levando tudo isso em conta, os cálculos resultam numa área de mais de 82 mil quilômetros quadrados que precisa ser vasculhada.

Abby fungou e limpou o nariz, decidida a não chorar. Nos primeiros dias, principalmente, quando as primeiras informações começaram a ser passadas para os familiares, o excesso de emotividade tinha tomado conta dela. Ela lembrava pouco do que havia sido discutido durante aquelas reuniões e procurou manter a calma naquele momento, querendo se concentrar até o funcionário da companhia aérea dar todas as informações.

— Os coletes salva-vidas ainda estavam presos na parte inferior dos assentos que foram recuperados — ele disse. — Ou seja, receamos que nunca houve oportunidade para usá-los.

Abby respirou fundo antes de falar.

— De que fileira eram esses assentos?

— Fileira 24.

— Mas Ben estava na primeira classe — Abby disse baixinho, com o lábio inferior trêmulo.

— Sim, senhora. O Sr. Gamble estava na fila quatro — James respondeu e voltou a apontar para o mapa. — Mas nessa área, diversas bagagens também foram encontradas e uma delas pertencia ao seu marido.

Abby tirou os olhos do mapa e encontrou James Darrow olhando para ela. Ela sentiu a visão ficar enevoada.

— Não! — ela exclamou, fazendo um gesto negativo com a cabeça. — Você disse que os assentos eram da classe econômica. Da parte de trás do avião.

— Sim, senhora. Porém, as bagagens encontradas pertenciam a passageiros de várias partes do avião. Em uma delas, alguns itens pessoais do seu marido foram recuperados.

James enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou um saco plástico. Ao vê-lo, Abby voltou a fazer um gesto negativo com a cabeça. Então, as lágrimas irromperam e começaram a rolar pelo seu rosto.

— A senhora reconhece esses itens? — James perguntou e colocou o saco plástico sobre a mesa.

Abby o pegou. Ela abriu o saco e, com dedos trêmulos, tirou o relógio de Ben. Ela o reconheceu imediatamente. Tinha sido seu presente de aniversário para ele. Ainda assim, Abby o virou para ter certeza. As letras *BDG* estavam gravadas em letra cursiva na tampa traseira. Benjamin Dempsey Gamble. O saco plástico também continha a carteira dele, que ela pegou e abriu. Ali dentro, encontrou a carta de motorista do marido. Abby chorou copiosamente quando viu a foto dele, incapaz de se controlar.

— Sinto muito — James disse. — Quer que eu entre em contato com alguém?

Abby fez um gesto negativo com a cabeça e continuou a examinar o conteúdo da carteira de Ben, ainda úmida por causa da água salgada do mar. Sem prestar muita atenção, ouviu o homem de terno dizer que a operação de busca e salvamento estava sendo reduzida a uma missão apenas de busca. Ela só conseguia olhar a foto do marido e se perguntar por que tudo estava acontecendo de novo.

CONHEÇA OS OUTROS LIVROS DO AUTOR

